

# Jesus, o mandatário do Pai



Ricardo dos Santos Malta\*

ricardo-malta@hotmail.com

## Resumo

Adentramos o fascinante debate sobre a tese da divindade de Jesus, apresentando evidências que desafiam a ideia tradicional. Explorando os ensinamentos bíblicos, revelamos como Jesus reforçou sua subordinação ao Pai, reconhecendo a supremacia divina. Analisamos seu papel como mandatário, representante direto de Deus na Terra, com plenos poderes para agir em nome do Criador. A figura de Jesus como mediador e seu aprendizado junto ao Pai revelam uma relação única, além de desmistificar a noção de que Ele é o próprio Deus. Apesar de haver muito mais a ser

dito, considerando as restrições de espaço, realizamos uma breve análise panorâmica.

## Palavras-chave

Divindade de Jesus; subordinação ao Pai; supremacia divina; mandatário de Deus; representante direto; mediador.



## O Pai é maior

Sempre que teve oportunidade, Jesus ressaltou de forma nítida e irrefutável a sua subordinação a Deus, reconhecendo a supremacia do Pai, como se verifica nos textos abaixo; com grifo nosso:

Vou para o Pai; *porque meu Pai é maior do que eu.* (João, 14:28.)

Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, *nem o enviado maior do que aquele que o enviou.* (João, 13:16.)

E Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? *Ninguém há bom senão um, que é Deus.* (Marcos, 10:18.)

Toda o testemunho de Jesus é no sentido de obediência às ordens e à vontade do Pai. (João, 12:49 e 50; 14:31; 15:10; Lucas, 22:42; João, 5:30.)

Embora alguns teólogos afirmem que a subordinação de Jesus

foi apenas funcional enquanto esteve em missão na Terra, as evidências bíblicas mostram que essa subordinação persistiu mesmo após a sua ressurreição. De fato, o Novo Testamento apresenta diversas passagens em que os apóstolos colocam Jesus em posição de subordinação a Deus, como em *1 Coríntios*, 15:28 e *Efé-sios*, 1:20 a 23. Além disso, mesmo após a sua ressurreição, Jesus reconheceu que o Pai é o seu Deus, como em *João*, 20:17. Portanto, a subordinação de Jesus não foi apenas funcional durante a sua missão na Terra, mas é um aspecto fundamental que persistiu mesmo após a sua ressurreição.

Após o término da missão de Jesus encarnado, João, o Evangelista, insiste em afirmar que ninguém jamais viu a Deus (*1 João*, 4:12), o que significa que ele nunca contemplou em Jesus a própria figura de Deus encarnado.

O Apóstolo Paulo deixa clara a existência de um único Deus, sendo Jesus descrito como Mestre ou Senhor:

Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele. (*1 Coríntios*, 8:6.)

Estêvão vê Jesus à direita de Deus, o que implica dualidade e naturezas distintas:

Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; E disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus. (*Atos*, 7:55 e 56.)

É verdade que a teologia cristã ortodoxa ensina que o Pai e o Filho são pessoas distintas, não nega a dualidade, mas afirma que ambos são Deus em essência, o que contradiz todo o Novo Testamento, como visto. Importante constatar que, na visão de Estêvão, apenas o Pai é Deus, estando Jesus em pé ao seu lado, da mesma forma que o Apóstolo Paulo identifica um único Deus, o Pai, e um Mestre (não Deus) que é Jesus.

### Jesus assume a posição de mandatário

Por analogia, a título de ilustração, podemos compreender que Jesus atuou como o representante de Deus na Terra. A procuração é um instrumento de mandato. Segundo o ordenamento jurídico brasileiro, “ocorre o mandato quando alguém recebe de outra pessoa poderes para agir em seu nome e exercer atos ou administrar interesses”.

Fica evidente que a procuração concede poderes ao representante para agir em nome do representado. É como se o

representante fosse o próprio representado: “[...] Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (*João*, 14:9).

Esse instrumento possui uma amplitude de concessão maior ou menor de poderes conforme a complexidade e a necessidade da causa, além da confiança depositada pelo representado ao procurador-representante.

Nesse sentido, há um instrumento denominado de “procuração de plenos poderes”. Como o nome já sugere, é um mandato para atuação ampla e irrestrita por parte do procurador para todos os atos estabelecidos no referido documento.

Ninguém deve conceder procuração de plenos poderes para alguém que não detenha a sua total confiança.

Ao lado de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios para dirigir a execução. *Deus escolheu dentre eles seus enviados superiores, encarregados de missões especiais. [...]¹* (Grifo nosso).

Em nossa analogia, podemos afirmar que Deus outorga sua “procuração” para representantes encarregados de missões especiais, sendo Jesus o mandatário com plenos poderes de atuação, sem deixar sua

condição de subordinado, conforme se verifica; o grifo é nosso:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: *É-me dado todo o poder no céu e na terra.* (Mateus, 28:18.)

Sabendo que *o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas*, e que havia saído de Deus e ia para Deus. (João, 13:3.)

O Pai ama o Filho, e *todas as coisas entregou nas suas mãos.* (João, 3:35.)

Porque eu desci do céu, *não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.* (João, 6:38.)

*Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais*; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis. (João, 5:43.)

[...] *E eu não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro*, o qual vós não conheceis. (João, 7:28)

Pois que eu saí, *e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.* (João, 8:42.)

Em relação a Jesus, Kardec esclarece que

A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é atribuída ao longo dos evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; o que obedece não pode ser igual ao que manda. [...].<sup>2</sup>

É comum que teólogos argumentem que certas ações de Jesus, como o perdão dos pecados, sirvam como prova de sua divindade, já que apenas Deus possui o poder de perdoar pecados. No entanto, é importante destacar que Jesus exercia essa capacidade de perdoar pecados com a autoridade concedida por Deus, desempenhando uma função de mandatário especial.

Além disso, esses teólogos sustentam que o fato de Jesus ser adorado no Novo Testamento indica que os discípulos e apóstolos o consideravam como Deus, uma vez que apenas Deus é digno de adoração. No entanto, é importante ressaltar que Jesus era adorado não como uma divindade separada, mas sim porque Ele representava a própria pessoa do Pai durante o período em que atuou como mandatário divino.

### **Jesus, o Filho de Deus**

Importante observar que Jesus toma para si a designação de “Filho de Deus”; nunca afirmou ser o próprio Deus, conforme se lê em *João*, 10:34 a 36.

O que significa essa expressão “Filho de Deus”?

Inicialmente, é preciso esclarecer que, “sob a antiga aliança, os juízes humanos podiam ser chamados ‘deuses’, porquanto, eram vistos como agindo no lugar de Deus na administração

da justiça”.<sup>3</sup> Ademais, cumpre recordar que em *Deuteronômio*, 14:1 o próprio povo de Deus é denominado de seus “filhos”.

Se Deus chama líderes (*Êxodo*, 21:6; 22:8 e 9; *Salmos*, 82:6) revestidos de autoridade, ainda que sejam homens falhos, de “deuses” ou “filhos do altíssimo”, com maior razão Jesus, representante direto do Pai, “empossado de funções divinas”, pode ser chamado de Filho de Deus (*João*, 10:34).

Em *João*, 1:12 é dito que “[...] a todos que creram nele [Jesus] e o aceitaram, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus”. Importante destacar que

João prefere o verbo *crer* para designar que a fé não é estática, como uma doutrina ou um dogma, mas sim dinâmica, algo que requer ação. No evangelho de João, *crer* em Jesus é uma característica de todos os verdadeiros discípulos.<sup>4</sup>

Assim, o verdadeiro discípulo, em comunhão com o Pai, passa a fazer parte da família do Cristo, podendo ser denominado de Filho de Deus.

### **Jesus é o mediador**

Allan Kardec elucida que

A subordinação de Jesus é ainda indicada por sua qualidade mesma de mediador, que implica a

existência de uma pessoa distinta. É Ele quem intercede junto ao Pai [...] Ora, se Ele é o próprio Deus, ou se fosse *em tudo igual* a este, não precisaria interceder, pois que ninguém intercede junto a si mesmo.<sup>5</sup>

Conforme se lê em 1 *Timóteo*, 2:5, Jesus é o mediador, “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”; grifo nosso.

Fica evidente que Jesus não pode ser Deus e mediador ao mesmo tempo.

## O ensino de Jesus pertence ao Pai

Em *João*, 12:49, Jesus afirma que não fala de si mesmo, mas sim o Pai, que o enviou, é quem lhe dá os mandamentos sobre o que dizer e falar. Da mesma forma, em *João*, 7:16 e 17, Jesus declara que sua doutrina não é d’Ele próprio, mas daquele que o enviou. Ele ressalta que aqueles que desejam fazer a vontade do Pai reconhecerão que sua doutrina é de Deus. Além disso, em *João*, 8:28, Jesus reitera que não age por si mesmo, mas fala conforme seu Pai o ensinou. A verdade que Ele compartilha com o mundo é aquela que Ele ouviu de Deus, conforme expresso em *João*, 8:26. Esses versículos enfatizam que seu ensino é um reflexo das instruções que

recebeu diretamente de Deus, demonstrando assim que o ensino de Jesus pertence ao Pai.

## Ninguém jamais viu a Deus

As Escrituras deixam claro que ninguém jamais viu a Deus, o que implica que Jesus não pode ser o próprio Deus, uma vez que Ele encarnou e muitos o viram, ouviram e tocaram. Essa verdade é destacada em diversos textos bíblicos. Em *João*, 6:46, Jesus afirma que ninguém viu o Pai, exceto Ele, que foi enviado por Deus e teve a visão d’Ele. Da mesma forma, em *João*, 5:37, Jesus declara que o Pai, que o enviou, testemunhou a respeito d’Ele, mas as pessoas nunca ouviram sua voz nem o viram pessoalmente. Além disso, 1 *João*, 4:12 reforça a ideia de que ninguém jamais viu a Deus. Para corroborar essa afirmação em *Êxodo*, 33:20, ressalta que é impossível olhar diretamente para a face de Deus, pois isso resultaria na morte. Esses textos enfatizam que Jesus, ao ser visto e tocado pelos humanos, não pode ser considerado o próprio Deus, uma vez que a visão direta de Deus é incompatível com a vida humana.

## Jesus aprendeu vendo o exemplo do Pai

O Evangelho é de Deus (*Romanos*, 1:1). Jesus aprendeu diretamente com o próprio Pai.

[...] Eu lhes digo a verdade: o Filho não pode fazer coisa alguma por sua própria conta. Ele faz apenas o que vê o Pai fazer. Aquilo que o Pai faz, o Filho também faz. (*João*, 5:19; grifo nosso.)

*Eu lhes digo o que vi quando estava com meu Pai*, mas vocês seguem o conselho do pai de vocês. (*João*, 8:38; grifo nosso.)

Nesse contexto, fica claro que se alguém aprende algo com outro, significa que quem ensina possui algum tipo de conhecimento que o aprendiz não possui. Portanto, se Jesus fosse Deus, Ele não precisaria aprender nada com ninguém. No entanto, as palavras de Jesus evidenciam que Ele buscava a sabedoria e a orientação diretamente de seu Pai Celestial, demonstrando uma relação de aprendizado e dependência.

Dessa forma, o ensinamento de Jesus baseado na aprendizagem com o Pai reflete sua posição como Filho e destaca a relação especial que Ele tinha com Deus, indicando que Ele não é o próprio Deus, mas sim um Espírito de ordem elevada.

## Jesus não estava sozinho

O Pai, que é Espírito (*João*, 4:24) e enviou Jesus como seu mandatário em carne (*João*, 1:14), sempre esteve com Ele, o que demonstra uma perfeita

comunhão (João, 8:16; 14:7 a 14); em outras palavras, “a personificação do pensamento divino”.

E, mesmo que o fizesse, meu julgamento seria correto, pois não estou sozinho. O Pai, que me enviou, está comigo. [...] E aquele que me enviou está comigo; ele não me abandonou, pois sempre faço o que lhe agrada. (João, 8:16 e 29.)

A própria expressão “o verbo se fez carne” (João, 1:14) tem o significado de que, por meio de Jesus, Deus estava presente entre o seu povo. Jesus é comparado à figura do tabernáculo do Antigo Testamento, representando a presença de Deus no meio da comunidade. É, pois, correto dizer que Jesus foi guiado pelo Espírito de Deus (Romanos, 8:14).

## O título de Senhor

Embora os teólogos possam argumentar que o título de “Senhor” aplicado a Jesus no Novo Testamento indica sua divindade, é importante lembrar que esse título não é exclusivo de Deus e pode ser aplicado a outras figuras de autoridade. De fato, em *Atos*, 2:36, Pedro declara que “[...] Deus o fez Senhor e Cristo [...]”, indicando que essa posição de liderança e autoridade foi dada a Jesus por Deus,

e não por sua própria natureza divina.

Além disso, quando Jesus é chamado de “Senhor” pelos seus seguidores no Novo Testamento, isso não é necessariamente uma afirmação de sua divindade, mas sim uma forma de reconhecer sua posição como o messias prometido, o salvador e o líder espiritual. É importante notar que essa noção de messias não implicava necessariamente na divindade, mas sim em um líder escolhido e ungido por Deus para liderar seu povo.

Outros textos do Novo Testamento também indicam que a posição de Jesus como “Senhor” foi dada a Ele por Deus. Por exemplo, em *Filipenses*, 2:9 a 11, Paulo afirma que Deus “[...] o exaltou soberanamente e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes” [v. 9], o que sugere que a posição de liderança e autoridade de Jesus não era inerente à sua própria natureza, mas sim concedida por Deus.

Em resumo, o título de “Senhor” aplicado a Jesus no Novo Testamento não é suficiente para provar a sua divindade, e deve ser interpretado à luz do contexto cultural e religioso da época. A posição de liderança e autoridade de Jesus como “Senhor” foi dada a Ele por Deus, o que sugere que sua natureza não era necessariamente divina em si mesma.

## Conclusão

Jesus é um Espírito Puro que encarnou na condição de mandatário especial de Deus, Guia e Modelo para a Humanidade. Ele é o representante máximo do Pai Celestial, cujas palavras e ações exemplificam o amor incondicional e a verdadeira obediência. Embora não seja Deus, Jesus reflete a imagem do Deus invisível (*Colossenses*, 1:15), convidando-nos a nos aproximarmos desse Deus amoroso, buscando relacionamento e inspirando-nos a viver de maneira semelhante, refletindo seu amor em nossas próprias vidas.

////////////////////

\* N.A.: Servidor da causa espírita, voluntário do Centro Espírita Semeadores do Amor – Lauro de Freitas (BA).

### REFERÊNCIAS:

<sup>1</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. ano 11, n. 2, fev. 1868. Instruções dos Espíritos, it. Os messias do Espiritismo, perg. 4. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 3. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2019.

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 7. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. *Estudo sobre a natureza do Cristo*, it. VIII – O Verbo se fez carne.

<sup>3</sup> BÍBLIA DE ESTUDO NVT.

<sup>4</sup> BÍBLIA DE ESTUDO NVT.

<sup>5</sup> KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 7. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. *Estudo sobre a natureza do Cristo*, it. V – Dupla natureza de Jesus.